

'Nota mais alta não é educação melhor'

Diane Ravitch, ex-secretária-adjunta de Educação dos EUA

02 de agosto de 2010 | 0h00

http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100802/not_imp589143,0.php

Simone Iwasso - O Estado de S.Paulo



Erro. Ênfase em responsabilização de professor é danosa para a educação, afirma Diane

Uma das principais defensoras da reforma educacional americana - baseada em metas, testes padronizados, responsabilização do professor pelo desempenho do aluno e fechamento de escolas mal avaliadas - mudou de ideia. Após 20 anos defendendo um modelo que serviu de inspiração para outros países, entre eles o Brasil, Diane Ravitch diz que, em vez de melhorar a educação, o sistema em vigor nos Estados Unidos está formando apenas alunos treinados para fazer uma avaliação.

Secretária-adjunta de Educação e conselheira do secretário de Educação na administração de George Bush, Diane foi indicada pelo ex-presidente Bill Clinton para assumir o National Assessment Governing Board, instituto responsável pelos testes federais. Ajudou a implementar os programas No Child Left Behind e Accountability, que tinham como proposta usar práticas corporativas, baseadas em medição e mérito, para melhorar a educação.

Suas revisão de conceitos foi apresentada no livro *The Death and Life of the Great American School System* (a morte e a vida do grande sistema escolar americano), lançado no mês passado nos EUA. O livro, sem previsão de edição no Brasil, tem provocado intensos debates entre especialistas e gestores americanos. Leia entrevista concedida por Diane ao Estado.

Por que a senhora mudou de ideia sobre a reforma educacional americana?

Eu apoiei as avaliações, o sistema de accountability (responsabilização de professores e gestores pelo desempenho dos estudantes) e o programa de escolha por muitos anos, mas as evidências acumuladas nesse período sobre os efeitos de todas essas políticas me fizeram repensar. Não podia mais continuar apoiando essas abordagens. O ensino não melhorou e identificamos apenas muitas fraudes no processo.

Em sua opinião, o que deu errado com os programas No Child Left Behind e Accountability?

O No Child Left Behind não funcionou por muitos motivos. Primeiro, porque ele estabeleceu um objetivo utópico de ter 100% dos estudantes com proficiência até 2014. Qualquer professor poderia dizer que isso não aconteceria - e não aconteceu. Segundo, os Estados acabaram diminuindo suas exigências e rebaixando seus padrões para tentar atingir esse objetivo utópico. O terceiro ponto é que escolas estão sendo fechadas porque não atingiram a meta. Então, a legislação estava errada, porque apostou numa estratégia de avaliações e responsabilização, que levou a alguns tipos de trapagens, manobras para driblar o sistema e outros tipos de esforços duvidosos para alcançar um objetivo que jamais seria atingido. Isso também levou a uma redução do currículo, associado a recompensas e punições em avaliações de habilidades básicas em leitura e

matemática. No fim, essa mistura resultou numa lei ruim, porque pune escolas, diretores e professores que não atingem as pontuações mínimas.

Qual é o papel das avaliações na educação? Em que elas contribuem? Quais são as limitações?

Avaliações padronizadas dão uma fotografia instantânea do desempenho. Elas são úteis como informação, mas não devem ser usadas para recompensas e punições, porque, quando as metas são altas, educadores vão encontrar um jeito de aumentar artificialmente as pontuações. Muitos vão passar horas preparando seus alunos para responderem a esses testes, e os alunos não vão aprender os conteúdos exigidos nas disciplinas, eles vão apenas aprender a fazer essas avaliações. Testes devem ser usados com sabedoria, apenas para dar um retrato da educação, para dar uma informação. Qualquer medição fica corrompida quando se envolve outras coisas num teste.

Na sua avaliação, professores também devem ser avaliados?

Professores devem ser testados quando ingressam na carreira, para o gestor saber se ele tem as habilidades e os conhecimentos necessários para ensinar o que deverá ensinar. Eles também devem ser periodicamente avaliados por seus supervisores para garantir que estão fazendo seu trabalho.

E o que ajudaria a melhorar a qualidade dos professores?

Isso depende do tipo de professor. Escolas precisam de administradores experientes, que sejam professores também, mais qualificados. Esses profissionais devem ajudar professores com mais dificuldades.

Com base nos resultados da política educacional americana, o que realmente ajuda a melhorar a educação?

As melhores escolas têm alunos que nasceram em famílias que apoiam e estimulam a educação. Isso já ajuda muito a escola e o estudante. Toda escola precisa de um currículo muito sólido, bastante definido, em todas as disciplinas ensinadas, leitura, matemática, ciências, história, artes. Sem essa ênfase em um currículo básico e bem estruturado, todo o resto vai se resumir a desenvolver habilidades para realizar testes. Qualquer ênfase exagerada em processos de responsabilização é danosa para a educação. Isso leva apenas a um esforço grande em ensinar a responder testes, a diminuir as exigências e outras maneiras de melhorar a nota dos estudantes sem, necessariamente, melhorar a educação.

O que se pode aprender da reforma educacional americana?

A reforma americana continua na direção errada. A administração do presidente Obama continua aceitando a abordagem punitiva que começamos no governo Bush. Privatizações de escolas afetam negativamente o sistema público de ensino, com poucos avanços de maneira geral. E a responsabilização dos professores está sendo usada de maneira a destruí-los.

Quais são os conceitos que devem ser mantidos e quais devem ser revistos?

A lição mais importante que podemos tirar do que foi feito nos Estados Unidos é que o foco deve ser sempre em melhorar a educação e não simplesmente aumentar as pontuações nas provas de avaliação. Ficou claro para nós que elas não são necessariamente a mesma coisa. Precisamos de jovens que estudaram história, ciência, geografia, matemática, leitura, mas o que estamos formando é uma geração que aprendeu a responder testes de múltipla escolha. Para ter uma boa educação, precisamos saber o que é uma boa educação. E é muito mais que saber fazer uma prova. Precisamos nos preocupar com as necessidades dos estudantes, para que eles aproveitem a educação.

QUEM É

É pesquisadora de educação da Universidade de Nova York. Autora de vários livros sobre sistemas educacionais, foi secretária-adjunta de Educação e conselheira do secretário de Educação entre 1991 e 1993, durante o governo de George Bush. Foi indicada pelo ex-presidente Bill Clinton para o National Assessment Governing Board, órgão responsável pela aplicação dos testes educacionais americanos.

Dionísio Dias Carneiro, nossa educação e riqueza

03 de agosto de 2010 | 0h00

Ilan Goldfajn - O Estado de S.Paulo

Estou em férias. Pela janela, Veneza e sua beleza ímpar. Não há ruas, mas canais fluviais. Não há carros, mas barcos e gôndolas. A sua arquitetura nos remete aos dias de Marco Polo e seu poderio comercial na Idade Média. Vejo hoje uma cidade próspera e bonita. Fico meditando sobre a riqueza das cidades e dos países: o que os faz ricos, como se mantêm prósperos por séculos?

A notícia do falecimento de Dionísio Dias Carneiro - meu orientador, colega e amigo - chega tristemente. Lembrome do seu gosto por ler, escrever e ensinar. É a resposta à riqueza persistente das nações: a capacidade de acumular conhecimento, utilizá-lo produtivamente e transmiti-lo por gerações é que torna (e mantém) as nações ricas. O Brasil enfatiza hoje grandes obras para o desenvolvimento, como na época do milagre. Mas a grande obra será o milagre de revolucionar a educação no Brasil.

Dionísio Dias Carneiro tinha apreço pelo conhecimento e pela formação de pessoas, atributo raro no Brasil. Dionísio dedicou a vida a estudar, ler, escrever e formar seus alunos, que foram muitos. Todos orientados a seguir o rigor intelectual e a imparcialidade na análise econômica. Seu uso ideal de tempo era debater temas econômicos relevantes com um punhado de colegas e muitos alunos.

Dionísio teve uma vida pública destacada no governo, na academia e no setor privado. Ao longo da carreira, suas colunas quinzenais sempre iluminaram os seus leitores. Assim como seus comentários semanais iluminavam seus clientes. Suas contribuições eram profundas e variadas.

O seu legado foi institucionalizado. Ele contribuiu decisivamente para a construção do Departamento de Economia da PUC-Rio há algumas décadas e, mais recentemente, para a criação do Instituto de Estudos de Política Econômica (Iepe da Casa das Garças), um espaço novo para o debate livre sobre temas econômicos relevantes. Poucos brasileiros se podem orgulhar de tamanho legado como o de Dionísio.

Essas obras de Dionísio Dias Carneiro são parte da riqueza do Brasil, que vai além do acúmulo de edificações, máquinas e as (essenciais) obras de infraestrutura. De fato, o atual objetivo primordial econômico do Brasil parece ser acumular capital para crescer mais rápido, por mais tempo. Vivemos no mundo do PAC 1, PAC 2, Belo Monte e outras grandes obras. Todas são essenciais, todas necessárias para evitar gargalos no futuro (nada de apagão e outras pragas!).

Mas acumular capital na forma tradicional (e antiga) não basta. É preciso ênfase no acúmulo de conhecimento, na formação de indivíduos que sejam capazes de ser produtivos, de resolver problemas e liderar. O Brasil precisa de mais capital humano.

No mundo de hoje, o acúmulo de capital humano tem contribuído decisivamente para elevar o crescimento mundial. Países capazes de transmitir mais conhecimento e usá-lo de forma produtiva têm crescido mais. É o mundo das ideias (aplicado aos serviços e à indústria) que tem predominado. Os países que almejam desenvolver-se têm investido na educação, formal e informal, na formação do trabalhador. Muitos acreditam que países como a Coreia do Sul se desenvolveram escolhendo indústrias vencedoras e depreciando artificialmente o câmbio (para poderem exportar mais e crescer). Mas se esquecem da revolução na educação que ocorreu por lá.

No Brasil houve bastante avanço na educação, principalmente no acesso das crianças ao ensino fundamental e médio: praticamente todas as crianças já frequentam o ensino fundamental e mais de 80%, o ensino médio.

No entanto, apesar dos avanços no acesso, a qualidade da educação escolar ainda é ruim. Continuamos com mau desempenho nos testes de proficiência, em todos os níveis de educação, tanto em termos absolutos quanto relativos ao restante do mundo (somos piores mesmo se comparados com países na mesma faixa de renda). Quase 80% dos nossos alunos de 15 anos não obtiveram a proficiência mínima em Matemática (comparados com apenas 2% na Coreia do Sul). Em leitura e Ciências, 64% e 57% não obtiveram a proficiência mínima (comparados com zero e 2% na Coreia do Sul).

Além da experiência internacional, há sinais de que melhorias na educação, no Brasil, podem alavancar o crescimento no País. Pelo menos se depender do retorno privado de investir na educação: quem consegue adquirir mais educação tem como benefício uma renda muito maior na sua carreira.

Interessante é que apenas gastar mais não resolve. Gasta-se no Brasil em educação o equivalente ao que se gasta na Coreia do Sul (acima de 4% do produto interno bruto), com resultados bem inferiores. Não basta simplesmente realocar recursos para educação, é necessário planejar e colocar os incentivos corretos para que professores e escolas levem os alunos a um desempenho melhor.

Em suma, pensando na prosperidade (no Brasil, não em Veneza!), houve tantos avanços nos últimos anos, mas ainda há muito por fazer. Não faltam reformas a implementar, algumas quase invisíveis para o grande público. Há, hoje, uma oportunidade única para avançar, calcada nos alicerces atuais. Porém é necessário ter a humildade de reconhecer que não basta o que já foi feito.

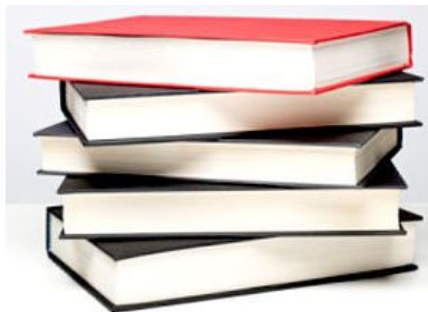
A vida de Dionísio foi de dedicação e paixão até o fim. Deixou o que enriquece uma nação: instituições que vão permanecer conosco. Mas também um expressivo número de ex-alunos e orientandos, nas mais diversas áreas, que seguem sua paixão pelo conhecimento e pela educação. É um legado e tanto, meu amigo.

ECONOMISTA-CHEFE DO ITAÚ UNIBANCO

http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100803/not_imp589699,0.php

USP cai mais de 60 posições em ranking mundial de universidades

02 de agosto de 2010 • 15h36 • atualizado às 15h52



Entre as 10 primeiras colocadas no ranking da América Latina, cinco são instituições do Brasil
Foto: Getty Images

A Universidade de São Paulo (USP) é a 122ª universidade mais qualificada do mundo, de acordo com o ranking das melhores instituições de ensino superior divulgado pela Webometrics Ranking Web of World Universities. No início do ano, a instituição aparecia na 58ª colocação, perdendo 64 posições. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) ficou como primeira universidade federal entre as instituições brasileiras, ocupando a 377ª posição geral. Veja aqui o ranking mundial.

As instituições americanas marcam posição no ranking até a 21ª colocação. As três primeiras colocadas são a Harvard University, o Massachusetts Institute of Technology e a Stanford University. A primeira universidade europeia no levantamento é Cambridge, localizada na Inglaterra.

Entre as 10 primeiras colocadas no ranking da América Latina, cinco são instituições do Brasil. A USP, primeira colocada na última divulgação, perdeu a posição para a Universidad Nacional Autónoma de México. Veja aqui o ranking América Latina.

Desde 2004, o ranking é divulgado duas vezes por ano - em janeiro e julho - cobrindo mais de 20 mil instituições de ensino superior em todo o mundo. O relatório leva em conta o desempenho global e a visibilidade das instituições na web, incluindo indicadores de pesquisa e qualidade de estudantes e professores.

O Webometrics Ranking Web of World Universities é promovido pelo Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC, na sigla em espanhol) da Espanha.

Outras informações podem ser obtidas no site www.webometrics.info.

<http://noticias.terra.com.br/educacao/noticias/0,,OI4600214-EI8266,00-USP+cai+mais+de+posicoes+em+ranking+mundial+de+universidades.html>

03/08/2010 - 10h17

Grupo Multi adquire rede de ensino no Sul

CAMILA FUSCO - DE SÃO PAULO

O grupo Multi, maior rede de ensino de idiomas do país e controlador das marcas Wizard, Alps e Skill, fechou a compra da escola gaúcha Quatrum, especializada em aulas de inglês para crianças e adolescentes.

A transação inclui a compra de 17 franquias da rede, com atuação no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. O valor da transação não foi divulgado, mas faz parte de um plano de aquisições que já soma R\$ 100 milhões no ano.

Em janeiro, o grupo adquiriu a SOS Educação Profissional, e, em junho, a Microlins, ambas no segmento de ensino profissionalizante.

"O objetivo com a Quatrum é fortalecer os métodos de ensino para crianças e jovens entre 4 e 16 anos. Hoje, 65% dos nossos alunos são adultos", afirma Charles Martins, presidente do conselho de administração.

O plano é manter a marca Quatrum e levar a rede para outros Estados, começando por São Paulo.

Com a incorporação, o grupo Multi passa a ter cerca de 2.800 escolas franqueadas no país e mais de 1 milhão de alunos, entre o ensino de idiomas e as redes profissionalizantes.

Depois da Quatrum, o grupo pretende fazer mais aquisições, especialmente de redes regionais com faturamento de até R\$ 20 milhões.

Escolas de outros segmentos também estão na mira. "Pretendemos analisar escolas que oferecem cursos livres ou até sistemas de ensino", diz Martins.

Em 2009, a rede faturou R\$ 1,1 bilhão. A previsão para 2010 é de R\$ 1,6 bilhão.

ENSINO NO EXTERIOR

O Grupo Multi tem hoje 50 escolas de inglês no exterior, em oito países da América Latina, EUA, Europa e Ásia.

O último avanço regional aconteceu no primeiro trimestre, com a inauguração de uma escola Wizard em Tianjin, na China. A unidade tem hoje cerca de 50 alunos.

Um sócio local do grupo Multi, com 15% de participação, comanda a prospecção de alunos. A rede estuda um modelo de franquias e a venda de livros de idiomas.

A atuação na China tem desafiado a rede especialmente no modelo de venda de cursos.

"Enquanto no Brasil muitas vezes o aluno fecha o contrato para o curso já na primeira visita, na China a venda pode durar semanas. Em compensação, o aluno paga à vista. Estamos aprendendo a melhor forma de lidar com esse público", diz Martins.

Apesar da fase de adaptação às peculiaridades locais, o grupo Multi acredita que, em breve, o país trará resultados expressivos.

"Estima-se que 300 milhões de chineses vão precisar falar inglês. Temos a chance de fazer da China nosso principal mercado em cinco anos", afirma.

Até 2012, o Grupo Multi pretende chegar a dez escolas na China, com investimentos de R\$ 5 milhões.

<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/776912-grupo-multi-adquire-rede-de-ensino-no-sul.shtml>